

Previsões do BC se consolidam

BRASÍLIA - No fim do ano passado, ainda no calor da crise asiática, o Banco Central traçou dois cenários para o comportamento das contas externas deste ano. As duas principais variáveis, na montagem das previsões, são o déficit em transações correntes (representado pelo resultado da balança comercial e de serviços mais a entrada de recursos de brasileiros residentes no exterior) e a saída de capitais de curto prazo.

O déficit na conta de transações correntes, que o governo estima em US\$ 30 bilhões este ano (conforme a hipótese 1), depende fundamentalmente da balança comercial, já que a conta de serviços (juros, fretes, viagens, seguros etc.) não varia muito e ronda a casa dos US\$ 27 bilhões.

Segundo as declarações de ministros da área econômica, outro item que reduz esse déficit é o das "transferências unilaterais", que representa o dinheiro que os brasileiros no exterior (os dekasseguis, por exemplo) mandam para suas famílias no Brasil. Esse valor é, tradicionalmente, de pouco mais de US\$ 2 bilhões ao ano.

A soma do déficit em conta corrente com as amortizações de dívidas, que são fixas e consumirão este ano US\$ 17,23 bilhões, resulta, portanto, numa necessidade de captar, no exterior, US\$

O que pode acontecer com as contas do país

Os cenários desenhados pelo Banco Central para 1998

(Em US\$ bilhões)

	Hipótese 1	Hipótese 2
Necessidades de financiamento	- 46,36	- 42,01
Conta corrente	- 29,12	- 24,77
Amortizações	- 17,23	- 17,23
Setor público	- 6,24	- 6,24
Setor privado	- 10,99	- 10,99
Fontes de financiamento	46,36	42,01
Investimento direto	20,00	20,00
Portfólio	3,00	3,00
Financiamento à importação	18,19	17,75
Empréstimo (longo prazo)	18,08	18,08
Capital (curto prazo)	- 12,52	- 7,02
Variação das reservas	- 0,38*	- 9,80*

(*) Neste caso, o sinal negativo significa aumento das reservas

Fonte: Banco Central

46,36 bilhões este ano. Desses, US\$ 20 bilhões, estima o Banco Central, virão como investimentos diretos, sendo cerca de US\$ 15 bilhões por meio das privatizações. Os novos investimentos em bolsas de valores não devem superar US\$ 3 bilhões. Mais US\$ 18 bilhões de financiamento às importações e outro tanto de empréstimos de longo prazo.

O que pode ser melhor ou pior do que o ano passado é a saída de capitais de curto prazo: US\$ 12,5 bilhões ou US\$ 7 bilhões, em comparação com US\$ 18 bilhões que deixaram o país no ano passado. Razão pela qual a taxa de juros se torna componente crucial. Quanto mais elevados os juros, maior a capacidade do país de atrair o chamado capital de curto prazo. Antes da crise asiática, quando as reservas estavam crescendo consistentemente, o governo adotou várias medidas para desestimular justamente a entrada deste tipo de investimento, que deixa o país vulnerável em momentos de instabilidade como o do final do ano passado.

Conforme o comportamento de todas essas contas é que o país acumulará mais US\$ 9,8 bilhões de reservas cambiais ou as manterá praticamente estáveis, em relação ao ano anterior. O cenário está, hoje, muito mais para a primeira alternativa preconizada pelo Banco Central. (C.S.)